



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025

O viajante etnógrafo: imagens do sertão e do sertanejo nos primeiros escritos de Euclides da Cunha

Vandielen Santos da Silva¹; Valter Guimaraes Soares²

1. Vandielen Santos da Silva, PROBIC/UEFS, HISTORIA, e-mail: vandielen.silva@gmail.com

2. Valter Guimaraes Soares, DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, e-mail: vgsoares@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Sertão; sertanejo; representações; Euclides da Cunha;

INTRODUÇÃO

O sertão e o sertanejo constituem, desde os primórdios da formação do viria a ser o Brasil, temas recorrentes na imaginação social. A palavra sertão, trazida pelos navegantes portugueses, tornou-se um significante poderoso, apontando para o incerto e o longínquo, o espaço não-civilizado, distante das benesses da igreja e do controle colonial (Amado, 1995). Com o tempo, essa categoria se consolidou como uma das mais relevantes para pensar o espaço e a cultura nacionais, definindo a dualidade entre o litoral e o interior (Soares, 2009).

Antes da publicação do seu importante livro *Os Sertões*, Euclides produziu dois textos cruciais: *Canudos: Diário de uma expedição*, publicado em 1939, pela Livraria José Olympio Editora. Da mesma forma, com forte preocupação testemunhal e etnográfica, ele produz uma *Caderneta de campo* (1975), na qual, agora com um olhar ativado pelas cintilações do real, faz anotações e interpretações acerca do sertão e suas gentes. Ambos os textos foram escritos durante sua atuação como correspondente de guerra em Canudos, entre agosto e outubro de 1897, da quarta e última expedição. Esta pesquisa nos permite investigar essa fase inicial da escrita euclidiana, tomando como objeto de análise a *Caderneta de campo* e o *Diário de uma expedição*. O objetivo foi investigar as imagens de sertão e de sertanejo construídas pelo correspondente viajante.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa a *Caderneta de campo* e o *Diário de uma expedição* foram tomados, a um só tempo, como fonte e objeto de análise, a partir da compreensão de que o olhar do autor é uma representação culturalmente condicionada por seu universo simbólico.

Recorremos à história cultural e à noção de representação como elemento conceitual que permite articular o entrecruzamento entre o literário e o histórico (Pesavento, 1998; Chartier, 1980). A abordagem se baseou na ideia de que os discursos expressam as percepções dos sujeitos sociais sobre si mesmos e sobre o mundo em que vivem (Soares, 2009).

O percurso metodológico consistiu em três etapas principais: a) levantamento e revisão bibliográfica sobre o referencial teórico, a trajetória de Euclides da Cunha e a literatura sobre o sertão; b) análise de trabalhos que tomam como objeto os escritos anteriores a *Os Sertões*; e c) análise textual aprofundada das obras selecionadas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A cobertura de Euclides da Cunha sobre a Guerra de Canudos, embora tenha durado apenas dois meses, teve um propósito que ia muito além do simples relato jornalístico. Ele viajou para o sertão da Bahia com a missão de escrever um livro sobre o levante liderado por Antônio Conselheiro. Conforme uma nota publicada em 30 de julho de 1897 no jornal *O Estado de S. Paulo*, sua tarefa não era apenas enviar “correspondências do teatro das operações”, mas também fazer estudos e tomar notas “para escrever um trabalho de fôlego sobre Canudos e Antônio Conselheiro” (Estadão, 1897).

Antes de seguir para o epicentro do conflito, Euclides da Cunha passou 23 dias em Salvador, um período que não foi improdutivo. Foi na capital baiana que o autor redigiu a maioria das cartas que seriam publicadas no jornal. Na dualidade de sua escrita, revelada desde o início, a pressa dos telegramas do *Diário de uma expedição*, que traziam informações pontuais e quase diárias, contrastava com a liberdade de análise da *Caderneta de campo*. As cartas e reportagens permitiam um olhar mais aprofundado, revelando a tensão entre o olhar rápido do repórter e o olhar mais cuidadoso do intelectual (Estadão, 2025).

Ao adentrar o sertão, Euclides, munido de suas referências intelectuais de base positivista e evolucionista, depara-se com uma realidade que desafia suas teorias prévias. Antes mesmo de pisar em solo sertanejo, ele já traçava um perfil geográfico a partir de sua formação científica, com os preconceitos raciais próprios à época (Ventura, 1997). Em 7 de agosto, a bordo do navio Espírito Santo, ele escreve em seu *Diário* sobre a “entrada arrebatadora da Bahia” (*Diário*, p. 67). A paisagem aparece, a princípio, em contraste com o que o autor já conhecia. Acostumado com as “serras altíssimas” do litoral sul, ele se surpreende com a “mesma majestade e a mesma beleza” no sertão (*Caderneta*, p. 68-69). Embora essa visão inicial desafiasse sua ideia pré-concebida de uma terra estéril, o autor também a descreve no *Diário* como um “clássico de deserto” (*Diário*, p. 33).

À medida que a viagem avança, o deslumbramento inicial dá lugar a um olhar mais crítico e pragmático. Em 1º de setembro, em Queimadas, Euclides faz anotações sobre o solo que demonstram seu conhecimento em geologia, descrevendo a região como “infecunda de estepe” com “poucas chuvas” e rios que “não fertilizam a terra” (*Caderneta*, p. 131-132.). A perspectiva do autor se aprofunda com a revelação da precariedade do sertão baiano, que se manifesta na escassez de recursos vitais. Em sua *Caderneta de campo*, ele anota a existência de uma água “infame, infamíssima” em Tanquinho, e em Juá, observa um poço onde “havia um animal podre já e um agonizante”. Essa atenção aos detalhes transforma o sertão em um espaço geográfico complexo, que impõe suas próprias regras de sobrevivência e desafia a lógica militar. A análise dos escritos iniciais revela um processo de transformação de seu olhar, que parte de uma visão

distante e teórica para uma observação cada vez mais crítica e pessoal, que se move em direção ao centro do conflito.

Essa transformação atinge seu ponto mais alto com o contato direto com os habitantes de Canudos, a partir de 16 de setembro. Nesse momento, o olhar do jornalista e do intelectual se une ao do engenheiro. A moradia dos sertanejos, por exemplo, é descrita como robusta, de forma que o arraial “pode durar mil anos” (*Diário*, p. 57-59). Sua análise técnica constata que a bala, ao atravessar as paredes estreitíssimas de argila, “não as abala” (*Diário*, p. 57-59). A paisagem, para Euclides, não é um cenário passivo, mas um elemento estratégico que favorece os sertanejos e desafia as forças republicanas. Essa observação detalhada demonstra como a experiência de campo forçou Euclides a ir além de sua teoria inicial, revelando o sertão como um ambiente hostil e, ao mesmo tempo, protetor, que molda a resistência de seus habitantes.

Se a paisagem se impõe como uma força implacável, o mesmo acontece com as gentes do sertão. Inicialmente, o olhar de Euclides é moldado por preconceitos e teorias científicas da época, que tentavam enquadrá-lo em categorias raciais e biológicas. Em seus primeiros escritos, ele se refere aos jagunços com base em relatos de terceiros, chegando a descrevê-los como seres de uma “inversão completa das leis fisiológicas”, com “agilidade de símios” e que, de tão magros, lembram “múmias”. A referência a uma “inversão completa das leis fisiológicas” demonstra sua tentativa de classificar o sertanejo a partir de um paradigma científico que não se encaixava na realidade.

No entanto, mesmo nesse momento inicial, o olhar de Euclides já se choca com a realidade que ele observa. Na reportagem de 19 de agosto, ao descrever o jovem prisioneiro Agostinho, ele nota que o garoto “responde com vivacidade e segurança a todas as perguntas”, apesar de sua aparência física. Essa vivacidade é a primeira pista da complexidade humana que as teorias de Euclides não conseguiam explicar. A partir de 16 de setembro, já em Canudos, Euclides passa a registrar com um olhar ativado pelas “cintilações do real”. Em suas anotações na *Caderneta de campo*, ele se volta para o sertanejo, detalhando suas vestimentas e, principalmente, seu caráter, descrevendo-o com um conjunto de qualidades que confrontam diretamente seus preconceitos: “bom, simples, inteligente, inculto, desconfiado, ativo, leal, respeitador”.

Euclides revela uma atenção notável aos detalhes da vida cotidiana sertaneja, documentando aspectos da cultura material, como o vestuário de couro e a produção caseira de algodão (*Caderneta*, p. 87-88). Ele constrói a ideia do sertanejo como um indivíduo que vive em uma comunidade complexa, enraizado e territorial, capaz de perceber “indícios mínimos” que revelam sua profunda conexão com o meio (*Caderneta*, p. 91).

A transformação do olhar euclidiano atinge seu ápice com a observação da resistência e da valentia dos combatentes. Em 26 de setembro, Euclides se depara com uma “gente indomável” que, mesmo sob privações extremas, luta “dentro de um círculo de fogo”. Ele documenta a bravura dos jagunços, impressionando-se com a “disciplina extraordinária” e a coragem, que ele expressa como “incompreensíveis quase tais lances de heroísmo” (Canudos, 28 de setembro). A valentia não se manifesta apenas no campo de batalha, mas também na dignidade de uma mulher prisioneira, que responde às perguntas com uma “ironia formidável” (Canudos, 26 de setembro). A altivez e a

dignidade dela, mesmo em situação de miséria, confrontam a imagem do ser inferior que as teorias de Euclides pressupunham.

O contato com as pessoas de Canudos força Euclides a reavaliar suas próprias crenças. A visão do jagunço como um ser irracional e animalesco dá lugar à percepção de um protagonista de guerra, cuja resistência física e moral se torna inesquecível para o correspondente. A experiência de campo, portanto, não apenas molda sua descrição do sertão, mas também o leva a enxergar o sertanejo como o “cerne de nossa nacionalidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira provisória e parcial, desembarco no final dessa investigação convencida do deslocamento nas percepções de sertão e sertanejo nos escritos de Euclides da Cunha. Tanto a *Caderneta de campo* e quando o *Diário de uma expedição*, Euclides ao transitar de uma visão abstrata para o contato direto, seu olhar sobre o sertão se transforma: a paisagem deixa de ser um mero cenário inóspito para se revelar uma força estratégica e um elemento ativo que molda as condições de vida e de luta de seus habitantes. Essa transformação inicial, que reinterpreta o espaço geográfico, prepara o terreno para uma reavaliação mais profunda sobre o homem do sertão.

Por fim, o resultado mais significativo da pesquisa reside no abandono das preconceções do autor sobre o sertanejo. A figura inicialmente descrita como um tipo biológico e social inferior, tratados como “bárbaros” e “jagunços”, é confrontada pelo heroísmo, valentia e pela capacidade de resistência do povo de Canudos. Euclides, o viajante-etnógrafo, é forçado a reavaliar suas próprias premissas ao testemunhar a altivez dos prisioneiros e a bravura dos combatentes, descobrindo neles qualidades como inteligência e lealdade. A experiência de campo, portanto, não apenas modificou o seu discurso, mas o levou a uma conclusão fundamental: o verdadeiro cerne da nacionalidade brasileira se encontra na resistência e na dignidade do povo que habitava o sertão.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 4ª Ed.rev. São Paulo: Cortez, 2009.
- AMADO, Janaína. . Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-151, 1995.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1992.
- CUNHA, Euclides. *Caderneta de Campo*. ANDRADE, Olímpio de Sousa (Org.). São Paulo; Brasília: Cultrix, 1975.
- CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. Organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo, Cia das Letras, 2000.
- LISBOA, Karen M, *A nova Atlântida de Spix e Martius; natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1987.
- LOYOLA, Hernán. Canudos: Euclides da Cunha y Mario Vargas Llosa frente a Calibán. *Nuevo Texto Crítico*, v. 5, n. 1, p. 311-330, 1992.
- MOREIRA, R. N. P. Terra Ignota: sertão, memória e oralidade na obra de Euclides da Cunha. In: *X Encontro Nacional de História Oral - Testemunhos: História e Política*, 2010, Recife-PE. Anais Eletrônicos do X Encontro Nacional de História Oral - Testemunhos: História e Política. Recife-PE: UFPE, 2010. p. 01-16.

NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: A viagem, a memória, o ensaio: sobre 'Casa-grande & senzala' e a representação do passado*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

O ESTADO DE S. PAULO. Euclides da Cunha já tinha “Os Sertões” na cabeça quando viajou a Canudos. 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/150-anos/150-momentos/euclides-da-cunha-ja-tinha-os-serto-es-na-cabeca-quando-viajou-a-canudos/?srsltid=AfmBOor0Bijo4IbBwfzNU3xrp91pzTKselj2kS4xgZzdAhAeWY83eUDY>. Acesso em: 2 set. 2025.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: EDUNICAMP, 1998, p. 17-40.

PESAVENTO, S. J. Literatura, história e identidade nacional. *Vidya*. Santa Maria, v. jan-ju, p. 9-27, 2000.

PESAVENTO, S. J. *O mundo como texto: leituras da História e da Literatura*. Pelotas, n.14, p. 31-45, set. 2003.

SANTANA, José Carlos Barreto de. Geologia e metáforas geológicas em Os sertões. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 1998, vol.5, suppl. [citado 2015-04-05], pp. 117-131 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000400007&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0104-5970. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701998000400007>.

SANTOS, Z. A. M. História e Literatura: uma relação possível. *Revista Científica/FAP*, Curitiba. Online), v. 2, p. 171-189, 2007.

SOARES, Valter Guimarães. História & Literatura: é possível sambar? *Praxis*, Salvador, v. 03, p. 35-45, 2006.

SOARES, Valter Guimarães. *Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja*. Salvador : EDUFBA ; Feira de Santana : UEFS Editora, 2009.

VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa. **Revista de antropologia**, v. 40, p. 165-181, 1997.

VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e a República. **Estudos avançados**, v. 10, p. 275-291, 1996.

VENTURA, Roberto. Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha. **História**,